XIPÉHUZ

J. H. ROSNY AÎNÉ

Tradução e edição
CIDICLEI MEDEIROS

Esta obra é de acesso livre para fins educacionais.

É permitida a impressão, cópia e distribuição gratuita deste livro para uso didático, pedagógico e não comercial, desde que mantidos os créditos do autor e a integridade do conteúdo.

É proibida a venda, alteração do conteúdo ou uso comercial sem autorização prévia e expressa do titular dos direitos.

Título: Xipéhuz
Responsável pela tradução e edição: Cidiclei da Silva Medeiros

1ª edição – 2026
Salvador – BA – Brasil
Publicação independente

https://www.imagismo.com.br/início

Xipéhuz

J. H. Rosny Aîné

Texto Original: Project Gutenberg

Língua Original: Inglês (1887)

Suporte tecnológico de IA na tradução: Gemini (Google)

Tradução, edição, revisão e adaptação literária: Prof. Cidiclei Medeiros

J. H. Rosny Aîné (1856–1940), pseudônimo do belga Joseph Henri Honoré Boex, foi um dos grandes pioneiros da ficção científica mundial. Após uma parceria inicial com seu irmão, adotou o termo "Aîné" (o mais velho) para seguir uma brilhante carreira solo. Ele revolucionou a literatura ao criar o conceito de seres alienígenas totalmente não antropomórficos e dimensões paralelas em obras vanguardistas como Xipéhuz (1887) e As Formas (1895). Consagrado pelo clássico A Guerra do Fogo (1909), o mestre do "maravilhoso científico" presidiu a Academia Goncourt e deixou um legado essencial para a ficção científica.

SUMÁRIO

XIPÉHUZ — LIVRO UM

Capítulo I: As Formas 5
Capítulo II: Expedição Hierática 8
Capítulo III: Escuridão 10
Capítulo IV: Bakhoun..... 11
Capítulo V: Retirado do Livro de Bakhoun 13
Capítulo VI: Segundo Período do Livro de Bakhoun 19

XIPÉHUZ — LIVRO DOIS

Capítulo VII: Terceiro Período do Livro de Bakhoun 21

Subcapítulo I: O Chamado dos Povos 21
Subcapítulo II: A Primeira Batalha 22
Subcapítulo III: Bakhoun Eleito 24
Subcapítulo IV: Metamorfoses das Armas..... 25
Subcapítulo V: A Segunda Batalha 26
Subcapítulo VI: O Extermínio 28

Capítulo VIII: Último Período do Livro de Bakhoun 30

XIPÉHUZ — LIVRO UM

Capítulo I: As Formas

Isto[1] se passou mil anos antes do movimento que mais tarde deu origem a Nínive, Babilônia e Ecbátana.

A tribo nômade de Pjehou, com seus jumentos, cavalos e gado, atravessava a floresta virgem de Kzour rumo ao poente. O canto do crepúsculo subia, pairava e descia dos ninhos harmoniosos.

Como todos estávamos exaustos, caminhávamos em silêncio, à procura de uma clareira propícia onde a tribo pudesse acender o fogo sagrado, preparar a refeição noturna e dormir em segurança contra as feras, protegida pela barreira dupla de braseiros vermelhos.

As nuvens ganharam tons opala; as paisagens polícromas estenderam-se até os quatro horizontes; os deuses da noite entoaram seu acalanto, e a tribo apressou a marcha. Um batedor reapareceu a galope: havia encontrado a clareira e a água, uma fonte pura.

A tribo soltou três longos brados e todos aceleraram o passo. Risos infantis ecoaram; até os cavalos e jumentos, habituados a reconhecer o fim da jornada pelo retorno dos batedores e pelas aclamações dos nômades, ergueram a cabeça com altivez.

A clareira surgiu. A encantadora nascente brotava entre musgos e arbustos. Diante dos nômades, porém, revelou-se uma verdadeira fantasmagoria.

Primeiro, viu-se um grande círculo de cones azulados e translúcidos, com as pontas voltadas para o alto, cada um com cerca de metade da estatura de um homem. Algumas linhas claras e espirais escuras sulcavam sua superfície; todos exibiam, perto da base, uma estrela deslumbrante, brilhante como o sol do meio-dia. Mais adiante, dispostas também em semicírculos, viam-se lâminas verticais que lembravam cascas de bétula, ornadas de elipses multicoloridas. Aqui e ali, surgiam formas quase cilíndricas, ora esguias e altas, ora baixas e robustas, todas em tom de bronze salpicado de verde, e todas dotadas, assim como as lâminas, do ponto luminoso característico.

A tribo observava com assombro. Um pavor supersticioso paralisou até os mais bravos, sentimento que se transformou em pânico quando as Formas começaram a ondular na penumbra cinzenta da clareira. De repente, as estrelas vacilaram e cintilaram; os cones se alongaram; os cilindros e as lâminas emitiram um sussurro semelhante ao da água jogada sobre a brasa, e todos avançaram contra os nômades em velocidade crescente.

Fascinada por aquele prodígio, a tribo permaneceu imóvel.

---

1 N. do T.: Não confundir o título deste capítulo com o conto homônimo do autor, As Formas (Les Formes, 1895). Essa homonímia levou edições brasileiras anteriores — como a antologia Imortais: O melhor da ficção científica do século XIX (Melhoramentos, 1988) — a publicarem a novela Xipéhuz integralmente sob o título errôneo de As Formas.

As Formas aproximaram-se. O choque foi terrível. Guerreiros, mulheres e crianças caíram em grupos sobre o solo da floresta, atingidos misteriosamente como por um raio. Então, nos sobreviventes, o pânico sombrio despertou novas forças e deu asas à fuga. As Formas, antes agrupadas e dispostas em fileiras, espalharam-se ao redor da tribo e perseguiram os fugitivos sem trégua. O ataque medonho, contudo, não era infalível: matava uns, atordoava outros, mas nunca deixava feridas.

Algumas gotas de sangue brotavam das narinas, dos olhos e das orelhas dos moribundos; os demais, porém, erguiam-se logo após a queda, intactos, e retomavam a corrida desesperada sob a luz pálida do crepúsculo.

Qualquer que fosse a natureza daquelas Formas, elas agiam como seres, e não como elementos da natureza. Possuíam, à semelhança dos seres vivos, a inconstância e a diversidade em sua conduta; escolhiam nitidamente suas vítimas e não confundiam os nômades com as plantas, nem mesmo com os animais.

Logo, os fugitivos mais velozes perceberam que a perseguição cessara para eles. Exaustos e trêmulos, ousaram finalmente olhar para trás. Ao longe, entre os troncos envoltos em sombras, a caçada resplandecente continuava. As Formas, por uma escolha deliberada, perseguiam e abatiam os guerreiros, enquanto desprezavam, na maioria das vezes, os fracos, as mulheres e as crianças.

Assim, à distância, na escuridão da noite, a cena tornava-se ainda mais sobrenatural, mais avassaladora para aquelas mentes primitivas. Os guerreiros preparavam-se para retomar a fuga quando uma observação crucial os deteve: as Formas abandonavam a perseguição, fosse de guerreiros, mulheres ou crianças, logo após um limite fixo. Por mais exausta, indefesa ou mesmo inconsciente que estivesse a vítima, bastava cruzar aquela fronteira invisível para que todo o perigo cessasse de imediato.

Esta constatação reconfortante, logo confirmada por dezenas de episódios, acalmou os nervos sobressaltados dos fugitivos. Eles ousaram esperar pelos companheiros, pelas esposas e pelos filhos sobreviventes. Um deles, inclusive — o chefe da tribo, homem de grande valor —, embora a princípio atordoado pelo caráter sobre-humano do evento, recuperou o vigor de seu espírito nobre, acendeu uma fogueira e tocou a corneta de búfalo para guiar os dispersos.

Aos poucos, os infelizes regressaram. Muitos, debilitados, arrastavam-se com as mãos. As mães, movidas pelo indomável instinto materno, haviam protegido e carregado seus filhos através do tumulto. Diversos jumentos, cavalos e bois também retornaram, menos transtornados que os homens.

Passaram uma noite sombria, em silêncio e vigília, com os guerreiros a tremer de pavor. A aurora, contudo, despontou com sua luz pálida por entre a densa folhagem, e o despertar da manhã, com o canto ressonante das aves e a vibração das cores, impeliu-os de volta à vida, a repelir os terrores da escuridão.

O Chefe reuniu a multidão em grupos e deu início à contagem da tribo. Metade dos guerreiros — duzentos homens — faltava à chamada, provavelmente mortos. A perda de mulheres fora muito menor, e a de crianças, quase nula.

Concluído o censo e reunidos os animais de carga (dos quais poucos se perderam, graças à superioridade do instinto sobre a razão durante as debandadas), o Chefe organizou a tribo segundo a ordem costumeira. Ordenou que o esperassem e, sozinho e pálido, caminhou de volta à clareira. Ninguém ousou segui-lo, nem mesmo de longe.

Ele avançou até onde as árvores eram mais espaçadas, um pouco além do limite observado na véspera, e pôs-se a observar.

Ao longe, sob a claridade fresca da manhã, corria a bela nascente; em suas margens, reunido, o fantástico grupo de Formas brilhava com vivacidade. Suas cores haviam mudado. Os cones mostravam-se mais compactos, com o tom turquesa agora esverdeado; os Cilindros tingiam-se de violeta, e as Lâminas assemelhavam-se ao cobre puro. Em todos eles, porém, a estrela cintilava com raios que ofuscavam a própria luz do dia.

Além dessa metamorfose cromática, os contornos das Entidades fantasmagóricas também se alteravam: os cones tendiam a se alargar em cilindros, os cilindros desdobravam-se e as lâminas curvavam-se ligeiramente.

De súbito, tal como no dia anterior, as Formas ondularam e suas Estrelas começaram a pulsar. Sem pressa, o Chefe cruzou de volta a fronteira da salvação.

Capítulo II: Expedição Hierática

A tribo de Pjehou deteve-se à entrada do grande Tabernáculo nômade, onde apenas os chefes tinham permissão para entrar. Ao fundo, sob uma efígie masculina do Sol e sob um teto estrelado, sentavam-se os três sumos sacerdotes. Abaixo deles, sobre os degraus dourados, postavam-se os doze sacerdotes menores.

O Chefe deu um passo à frente e relatou em detalhes a terrível aventura da floresta de Kzour. Os sacerdotes escutaram-no com gravidade, atônitos, a sentir o próprio prestígio diminuir diante daquele prodígio sobre-humano.

O sumo sacerdote exigiu que a tribo oferecesse ao Sol doze touros, sete onagros e três garanhões. Ele enxergou atributos divinos nas Formas e, após os sacrifícios, deliberou que se realizasse uma expedição solene. Todos os sacerdotes e todos os chefes da nação Zahelal deveriam comparecer.

Mensageiros cruzaram montanhas e planícies por cem léguas ao redor do vale onde, mais tarde, surgiria a Ecbátana dos Magos. Por toda parte, o relato sombrio provocava calafrios e, por toda parte, os líderes obedeciam prontamente ao chamado sacerdotal.

Numa manhã de outono, o Astro-Macho rasgou as nuvens, inundou o Tabernáculo e atingiu o altar onde fumegava o coração sangrento de um touro. Os sumos sacerdotes, os sacrificadores e cinquenta chefes tribais ergueram um brado de triunfo. Do lado de fora, cem mil nômades, a pisar o orvalho fresco, ecoaram o clamor; voltaram as cabeças bronzeadas para a prodigiosa floresta de Kzour e tremeram de leve. O presságio era favorável.

Com os sacerdotes à frente, um povo inteiro marchou pela floresta. À tarde, por volta das três horas, o chefe de Pjehou deteve a multidão. A grande clareira, avermelhada pelo outono, com uma torrente de folhas mortas a ocultar o musgo, estendia-se majestosa. Às margens da nascente, os sacerdotes contemplaram aquilo que vieram adorar e aplacar: as Formas. Eram suaves aos olhos, sob a copa das árvores, com seus tons cintilantes, o fogo puro de suas estrelas e seu movimento tranquilo à beira da água.

— Devemos — disse o sumo sacerdote — oferecer o sacrifício aqui mesmo. Que saibam que nos submetemos ao seu poder!

Todos os anciãos curvaram-se. Uma voz, contudo, ergueu-se. Era Yushik, da tribo de Nim, um jovem observador das estrelas, profeta pálido de renome nascente, que ousou pedir permissão para se aproximar das Formas.

Os anciãos, versados na sabedoria dos séculos, triunfaram: o altar foi erguido e trouxeram a vítima — um garanhão magnífico, servo soberbo do homem. Então, no silêncio, em meio à prostração do povo, a faca de bronze buscou o coração generoso do animal. Um grande lamento subiu aos céus, e o sumo sacerdote indagou:

— Estais em paz, ó deuses?

Ali, entre os troncos silenciosos, as Formas ainda circulavam, brilhantes, com preferência pelos locais onde o sol incidia em raios mais densos.

— Sim, sim! — exclamou o entusiasta — Elas estão calmas!

E a segurar o coração quente do garanhão, antes que o prudente sumo sacerdote pudesse proferir uma palavra, Yushik correu clareira adentro. Fanáticos, entre uivos, seguiram-no. Lentamente, as Formas ondularam, agruparam-se, eriçaram-se e, de súbito, lançaram-se sobre os imprudentes — um massacre lamentável que horrorizou as cinquenta tribos.

Apenas seis ou sete fugitivos, à custa de enorme esforço e sob perseguição implacável, conseguiram alcançar a fronteira da salvação. Os demais pereceram, e Yushik estava entre eles.

— Eles são deuses inexoráveis! — declarou o sumo sacerdote com solenidade.

Reuniu-se, então, o venerável conselho de sacerdotes, anciãos e chefes.

Eles decidiram traçar, um pouco além do limite de segurança, um perímetro de estacas. Para determinar essa fronteira com exatidão, resolveram obrigar os escravos a se exporem sucessivamente ao ataque das Formas em toda a extensão da clareira.

E assim se fez. Sob ameaça de morte, os cativos adentraram o recinto. Graças às excelentes precauções tomadas, contudo, muito poucos perderam a vida. A fronteira foi firmemente estabelecida, visível a todos por meio de uma cerca de estacas.

Dessa forma, encerrou-se a expedição sagrada, e os Zahelals acreditaram estar, enfim, a salvo do terrível inimigo.

Capítulo III: A Escuridão

O sistema preventivo defendido pelo conselho logo se mostrou ineficaz. Na primavera seguinte, as tribos de Hertoth e Nazzum, ao passarem desprevenidas e em relativo desalinho perto do cercado de estacas, sofreram um ataque cruel das Formas e foram dizimadas.

Os líderes que escaparam do massacre relataram ao alto conselho de Zahelal que as Formas estavam muito mais numerosas do que no outono anterior. Embora continuassem a limitar a perseguição a um ponto fixo, as fronteiras desse domínio haviam se expandido.

A notícia estarreceu o povo; houve grande luto e sacrifícios imensos. Diante disso, o conselho decidiu destruir a floresta de Kzour pelo fogo. Apesar de todos os esforços, contudo, conseguiram incendiar apenas as suas bordas.

Em desespero, os sacerdotes consagraram a floresta e proibiram a entrada de quem quer que fosse. Dois verões transcorreram em relativa calma.

Numa noite de outubro, o acampamento da tribo Zulf, situado a dois tiros de arco da floresta maldita, sofreu a invasão das Formas. Mais trezentos guerreiros perderam a vida.

A partir daquele dia, uma narrativa sinistra, corrosiva e misteriosa espalhou-se de tribo em tribo, sussurrada ao pé do ouvido todas as noites, sob os vastos céus astrais da Mesopotâmia: a humanidade estava destinada a perecer. O Outro, em perpétua expansão pelas florestas e planícies, indestrutível, devoraria a raça humana dia após dia. Esta certeza temível e sombria assombrava as mentes primitivas, a roubar-lhes o espírito de luta e o magnífico otimismo próprio de suas raças jovens. A humanidade errante, imersa nesse pesadelo, já não ousava desfrutar das pastagens suntuosas de suas terras natais; limitava-se a contemplar, com olhos cansados, as constelações imóveis no alto. Era o ano mil daqueles povos infantis, o toque de finados do mundo, a mesma resignação que mais tarde dominaria o homem vermelho das savanas americanas.

No auge dessa angústia, os pensadores primitivos voltaram-se para um culto amargo, uma adoração da morte pregada por profetas pálidos: o culto das Trevas, consideradas mais poderosas que as próprias Estrelas; Trevas destinadas a engolfar e devorar a Luz sagrada, o fogo resplandecente. Por toda parte, às margens do deserto, viam-se figuras imóveis e emaciadas de homens inspirados, homens de silêncio que, de tempos em tempos, misturavam-se às tribos para relatar seus sonhos terríveis sobre o crepúsculo da grande Noite e a agonia do Sol.

Capítulo IV: Bakhoun

Naquela época, vivia um homem extraordinário chamado Bakhoun, pertencente à tribo de Ptuh e irmão do primeiro sumo sacerdote dos Zahelals. Desde a juventude, ele abandonara a vida nômade para escolher uma bela solidão entre quatro colinas, em um vale estreito e fértil onde jorrava a luz cristalina de uma nascente. Grandes blocos de rocha haviam se transformado em sua tenda permanente, sua morada ciclópica. A paciência e o trabalho cuidadoso de bois e cavalos trouxeram-lhe abundância e colheitas regulares. Suas quatro esposas e trinta filhos viviam ali uma existência pacífica.

Bakhoun professava ideias singulares, que teriam provocado o seu apedrejamento, não fosse o profundo respeito dos Zahelals por seu irmão mais velho, o sumo sacerdote supremo.

Em primeiro lugar, ele acreditava que a vida sedentária, a fixação do homem ao solo, era preferível à vida nômade, pois conservava as forças humanas em benefício do espírito;

Em segundo lugar, pensava que o Sol, a Lua e as estrelas não eram deuses, mas massas luminosas;

Em terceiro lugar, afirmava que o homem só deveria crer naquilo que pudesse ser demonstrado por meio de medições.

Os Zahelals atribuíam-lhe poderes mágicos, e os mais ousados às vezes se aventuravam a consultá-lo. Jamais se arrependiam. Sabia-se também que ele frequentemente socorria as tribos desfortunadas por meio da distribuição de víveres.

Naquela hora sombria, contudo, quando surgiu a melancólica alternativa de abandonar as terras férteis ou sofrer a destruição por divindades inexoráveis, as tribos lembraram-se de Bakhoun. Os próprios sacerdotes, após vencerem o orgulho, designaram três dos mais importantes membros de sua ordem para visitá-lo.

Bakhoun prestou a maior atenção aos relatos, pediu que os repetissem e formulou inúmeras perguntas precisas. Solicitou dois dias para meditação. Ao término desse período, anunciou simplesmente que se dedicaria ao estudo das Formas.

As tribos sentiram certo desapontamento, pois esperavam que Bakhoun pudesse libertar o país por meio de feitiçaria. Ainda assim, os chefes alegraram-se com a sua decisão e conceberam grandes esperanças.

Bakhoun estabeleceu-se perto da floresta de Kzour. Recolhia-se apenas nas horas de descanso e, durante todo o dia, observava os arredores montado no garanhão mais veloz da Caldeia. Logo, convencido da superioridade daquele esplêndido animal sobre a mais ágil das Formas, pôde iniciar seu ousado e meticuloso estudo dos inimigos do Homem — investigação à qual devemos o

grande livro anticuneiforme de sessenta grandes e belas tábuas, o mais belo monumento lapidário que as eras nômades legaram às raças modernas.

É neste livro, admirável por sua observação paciente e isenção, que encontramos a descrição de um sistema de vida completamente diferente dos nossos reinos animal e vegetal; um sistema que Bakhoun humildemente admite ter conseguido analisar apenas em sua forma mais rudimentar e superficial. É impossível para a humanidade não estremecer ao ler esta monografia sobre os seres que Bakhoun chama de Xipéhuz. Os detalhes sóbrios, imunes a qualquer fantasia sistemática, que o antigo escriba revela sobre as ações, o modo de locomoção, de combate e de reprodução dessas entidades demonstram que a raça humana esteve à beira do esquecimento, e que a Terra quase se tornou a herança de um Reino cuja própria concepção nós perdemos.

Cumpre ler a maravilhosa tradução do Sr. Dessault, com suas descobertas inesperadas sobre a linguística pré-assíria — descobertas infelizmente mais admiradas no exterior, como na Inglaterra e na Alemanha, do que em seu próprio país. O ilustre estudioso dignou-se a disponibilizar as passagens mais importantes de sua preciosa obra, as quais oferecemos abaixo ao público, na expectativa de que inspirem o desejo de explorar as magníficas traduções do Mestre[2].

2 Les Précurseurs de Ninive, por B. Dessault, edição em oitavo, publicada por Calmann-Lévy. Para facilitar a compreensão do leitor, converti o seguinte excerto do livro de Bakhun para a linguagem científica moderna.

Capítulo V: Retirado do Livro de Bakhoun

Os Xipéhuzes são claramente seres vivos. Todos os seus comportamentos revelam a vontade, o capricho, a associação, a independência parcial que distingue os seres animais das plantas ou dos objetos inanimados. Embora seu modo de locomoção não possa ser definido por comparação — trata-se simplesmente de deslizar pelo chão —, é fácil perceber que o direcionam como bem entendem. São vistos parando abruptamente, virando-se, disparando em perseguição uns dos outros, caminhando em pares ou trios, demonstrando preferências que os levam a deixar um companheiro para ir longe e se juntar a outro. Não possuem a capacidade de escalar árvores, mas conseguem matar pássaros atraindo-os por meios insondáveis. Frequentemente são vistos cercando animais selvagens ou esperando por eles atrás de um arbusto; nunca deixam de matá-los e consumi-los. Podemos afirmar, em geral, que matam todos os animais indiscriminadamente, se conseguirem alcançá-los, e isso sem motivo aparente, pois não os consomem, mas simplesmente os reduzem a cinzas.

Seu método de queima não requer uma pira: o ponto incandescente em sua base é suficiente para esse propósito. Eles se reúnem em grupos de dez ou vinte, em círculo, ao redor dos grandes animais mortos, e concentram seus raios na carcaça. Para animais pequenos — pássaros, por exemplo — os raios de um único Xipéhuz são suficientes para a incineração. Deve-se notar que o calor que eles podem produzir não é instantaneamente intenso. Muitas vezes senti a radiação de um Xipéhuz em minha mão, e minha pele só começou a aquecer depois de algum tempo.

Não sei se devo dizer que os Xipéhuzes apresentam formas diferentes, visto que todos podem se transformar sucessivamente em cones, cilindros e estratos, e isso em um único dia. Sua cor varia continuamente, o que acredito atribuir, em geral, às metamorfoses da luz da manhã para a noite e da noite para a manhã. Contudo, algumas variações de tonalidade parecem dever-se aos caprichos dos indivíduos e, sobretudo, às suas paixões, se me permitem dizer, constituindo assim verdadeiras expressões de fisionomia, as mais simples das quais fui completamente incapaz de determinar, apesar de estudo árduo, exceto por hipótese. Assim, nunca consegui, por exemplo, distinguir uma tonalidade raivosa de uma suave, o que certamente teria sido a primeira descoberta desse tipo.

Já mencionei suas paixões. Anteriormente, anotei suas preferências, o que eu chamaria de suas amizades. Eles também têm seus ódios. Um Xipéhuz se distancia constantemente de outro, e vice-versa. Suas fúrias parecem violentas. Eu os vi se enfrentarem com movimentos idênticos aos observados quando atacam animais grandes ou humanos, e foram essas mesmas lutas que me ensinaram que eles não eram imortais, como eu inicialmente acreditava, pois duas ou três vezes vi Xipéhuzes sucumbirem nesses encontros — ou seja, caírem, se condensarem e se petrificarem. Preservei cuidadosamente alguns desses cadáveres bizarros[3], e talvez possam ser usados posteriormente para descobrir a natureza do Xipéhuz. São cristais amarelados, dispostos irregularmente e estriados com filamentos azuis.

3 O Museu de Kensington, em Londres, e o próprio Sr. Dessault possuem alguns detritos minerais, todos semelhantes aos descritos por Bakhoûn, que a análise química não conseguiu decompor e combinar com outras substâncias e que, consequentemente, não podem ser incluídos em nenhuma nomenclatura de corpos conhecidos.

Partindo do fato de os Xipéhuzes não serem imortais, deduzi que seria possível lutar contra eles e derrotá-los, e desde então iniciei a série de experimentos de combate que serão discutidos posteriormente.

Como os Xipéhuzes sempre irradiam luz suficiente para serem vistos através da vegetação rasteira e até mesmo por trás de grandes troncos de árvores — um grande halo emana deles em todas as direções e alerta para sua aproximação —, muitas vezes eu conseguia me aventurar na própria floresta, pois confiava na velocidade do meu garanhão ao menor sinal de movimento. Lá, tentei descobrir se eles construíam abrigos, mas confesso que falhei nessa empreitada. Eles não movem pedras nem plantas e parecem intocados por qualquer tipo de indústria tangível e visível, a única indústria discernível pela observação humana. Consequentemente, não possuem armas no sentido que damos a essa palavra. É certo que eles não podem matar à distância: qualquer animal que conseguiu fugir sem entrar em contato direto com um Xipéhuz invariavelmente escapou, e testemunhei isso muitas vezes.

Como a infeliz tribo de Pjehou já havia percebido, eles não conseguiam ultrapassar certas barreiras ideais na busca por vítimas. Mas esses limites aumentaram ano após ano, mês após mês. Eu precisava investigar a causa.

Agora, essa causa parece ser nada mais do que um fenômeno de crescimento coletivo e, como a maioria das coisas Xipéhuzes, é impermeável à compreensão humana. Resumidamente, eis a lei: os limites da ação Xipéhuz se expandem proporcionalmente ao número de indivíduos; ou seja, assim que novos seres surgem, as fronteiras também se expandem. Mas enquanto o número permanece constante, nenhum indivíduo é capaz de atravessar o habitat atribuído — por força das circunstâncias — a toda a raça. Essa regra sugere uma correlação mais estreita entre a massa e o indivíduo do que a correlação semelhante observada entre humanos e animais. O inverso dessa lei foi observado posteriormente, pois assim que os Xipéhuzes começaram a diminuir, suas fronteiras se contraíram proporcionalmente.

Sobre o próprio fenômeno da procriação, tenho pouco a dizer; mas o pouco que digo é característico. Primeiro, essa procriação ocorre quatro vezes por ano, pouco antes dos equinócios e solstícios, e apenas nas noites mais claras. Os Xipéhuzes se reúnem em grupos de três, e esses grupos gradualmente se fundem em um único grupo compacto, disposto em uma elipse muito longa. Permanecem assim durante toda a noite e pela manhã, até o ponto máximo de ascensão do Sol. Quando se separam, formas vagas, vaporosas e enormes sobem ao ar. Essas formas se condensam lentamente, encolhem e, após dez dias, se transformam em cones âmbar, consideravelmente maiores que os Xipéhuzes adultos. Levam dois meses e alguns dias para atingirem o desenvolvimento máximo, ou seja, seu encolhimento máximo. Depois desse período, tornam-se como os outros seres de seu reino, com cores e formas que variam de acordo com a hora, o clima e o capricho individual. Alguns dias após o completo desenvolvimento ou contração, sua esfera de influência se expande. Naturalmente, foi pouco antes desse momento terrível que avancei pelos flancos do meu bom Kouath, a fim de montar acampamento mais adiante.

Não se pode afirmar com certeza se os Xipéhuzes possuem sentidos. Certamente, eles possuem dispositivos que servem como tais.

A facilidade com que percebem a presença de animais, e especialmente de humanos, a grandes distâncias, indica claramente que seu senso de detecção é pelo menos tão bom quanto o da nossa visão. Nunca os vi confundir uma planta com um animal, mesmo em circunstâncias em que eu poderia muito bem ter cometido esse erro, enganado pelo brilho, pela cor do objeto ou por sua posição. O fato de vinte deles trabalharem juntos para incinerar um animal grande, enquanto apenas um único indivíduo cuida da queima de um pássaro, demonstra uma sólida compreensão de proporções, e essa compreensão parece ainda mais perfeita quando se observa que trabalham em grupos de dez, doze ou quinze, sempre de acordo com o tamanho relativo da carcaça. Um argumento ainda melhor a favor da existência de órgãos análogos aos nossos sentidos, ou de sua inteligência, é a maneira como agiram ao atacar nossas tribos, pois demonstraram pouca ou nenhuma atenção às mulheres e crianças, enquanto perseguiam implacavelmente os guerreiros.

Agora, a pergunta mais importante: eles têm uma língua? Posso responder sem a menor hesitação: — Sim, eles têm uma língua.

E essa língua consiste em sinais, alguns dos quais eu até consegui decifrar.

Suponha, por exemplo, que um Xipéhuz queira falar com outro. Para isso, ele simplesmente direciona os raios de sua estrela para o seu companheiro, que é sempre percebido instantaneamente. Aquele a quem se dirige a palavra, se estiver caminhando, para e espera. O falante então traça rapidamente, na própria superfície de seu interlocutor — e não importa de que lado — uma série de pequenos caracteres luminosos, por meio de um jogo de radiação que sempre emana da base, e esses caracteres permanecem fixos por um instante, depois desaparecem.

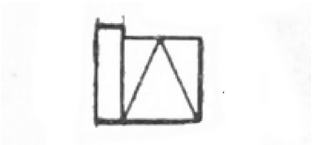
A outra pessoa, após uma breve pausa, responde.

Antes de qualquer ação de combate ou emboscada, sempre observei os Xipéhuzes empregarem as seguintes características:

Quando se tratava de mim — e se tratava com frequência, pois faziam tudo o que podiam para me exterminar, a mim e ao meu bravo Kouath —, os sinais eram invariavelmente trocados — entre outros que compunham a palavra ou frase de ataque, conforme indicado acima.

O indicativo de chamada comum era uma série de caracteres específicos, e ele convocava a pessoa que o recebia.

Quando todos os Xipéhuzes eram convidados para uma assembleia geral, eu nunca deixava de observar um sinal desse tipo, muito mais complexo e solene, representando a tríplice manifestação desses seres.



Os Xipéhuzes também possuem sinais mais complexos, relacionados não a ações semelhantes às nossas, mas a uma ordem de coisas completamente extra-humana, que não consegui decifrar. Não há dúvida alguma sobre sua capacidade de trocar ideias de natureza abstrata, provavelmente equivalentes às ideias humanas, pois podem permanecer imóveis por longos períodos sem fazer nada além de conversar, o que sugere uma genuína acumulação de pensamentos.

Minha longa estadia entre eles, apesar das metamorfoses (cujas leis variam para cada indivíduo, talvez sutis, mas com características suficientes para um observador persistente), acabou por me permitir conhecer vários Xipéhuzes intimamente, revelando-me particularidades sobre suas diferenças individuais... devo dizer, seus caracteres? Conheci alguns que eram taciturnos, que quase nunca pronunciavam uma palavra; alguns que eram expansivos, que escreviam verdadeiros discursos; alguns que eram atentos, alguns que tagarelavam e se interrompiam uns aos outros. Havia aqueles que gostavam de se isolar, de viver em solidão; outros claramente buscavam companhia; alguns eram ferozes, pois caçavam perpetuamente animais selvagens e aves, enquanto outros eram misericordiosos e muitas vezes poupavam os animais, pelo contrário, deixavam-nos viver em paz. Tudo isso não abre um vasto campo para a imaginação? Não nos leva a imaginar diversidades de aptidões, inteligência e forças semelhantes às da raça humana?

Eles praticam a educação. Quantas vezes observei um velho Xipéhuz, sentado no meio de jovens, a irradiar sinais para eles, que então os repetiam um após o outro, e que ele os fazia repetir quando a repetição era imperfeita!

Essas lições foram verdadeiramente maravilhosas aos meus olhos, e de tudo o que diz respeito aos Xipéhuzes, nada prendeu tanto a minha atenção, nada ocupou mais as minhas noites insones. Parecia-me que era ali, naquele alvorecer da raça, que o véu do mistério poderia ser levantado, ali que alguma ideia simples e primordial poderia talvez surgir, iluminando para mim um recanto daquela profunda escuridão. Não, nada me deteve; durante anos frequentei essa educação, experimentei inúmeras interpretações. Quantas vezes pensei ter vislumbrado ali um lampejo fugaz da natureza essencial dos Xipéhuzes, uma luz extrassensorial, uma abstração pura, e que, infelizmente, as minhas pobres faculdades, imersas na carne, jamais foram capazes de perseguir!

Mencionei anteriormente que por muito tempo acreditei que os Xipéhuzes fossem imortais. Essa crença foi destruída pelas mortes violentas que se seguiram aos encontros entre eles, e fui naturalmente levado a buscar seu ponto fraco. Desde então, tenho me dedicado diariamente a encontrar meios destrutivos de derrotá-los, pois os Xipéhuzes cresciam em tal número que, após invadirem a floresta de Kzour ao sul, norte e oeste, começavam a se aproximar das planícies a leste. Ai de mim! Em apenas alguns ciclos, eles teriam desapossado a humanidade de seu lar terrestre.

Então, inicialmente, armei-me com uma funda e, assim que um Xipéhuz emergiu da floresta ao meu alcance, mirei e arremessei minha pedra contra ele. Não obtive resultados dessa forma, embora tenha atingido todos os indivíduos visados em todas as partes do corpo, até mesmo no ponto mais brilhante. Eles pareciam completamente imunes aos meus ataques, e nenhum deles jamais se virou para evitar um dos meus projéteis. Depois de um mês de tentativas, tive que admitir que a funda era inútil contra eles e abandonei essa arma.

Peguei meu arco. Com as primeiras flechas que disparei, descobri um profundo temor entre os Xipéhuzes, pois eles se afastavam, mantinham-se fora do meu alcance e me evitavam ao máximo. Durante oito dias, tentei em vão acertar um deles. No oitavo dia, um grupo de Xipéhuzes, levados, creio eu, pelo zelo da caça, passou bem perto de mim na perseguição a uma bela gazela. Disparei algumas flechas às pressas, sem nenhum efeito aparente, e o grupo se dispersou, enquanto eu os perseguia e gastava minha munição. Mal havia disparado a última flecha quando todos retornaram em grande velocidade de diferentes direções, cercaram-me a três quartos do caminho, e eu teria perdido a vida ali se não fosse pela prodigiosa velocidade do valente Kouath.

Essa aventura me deixou repleto de incertezas e esperanças; passei a semana inteira inerte, perdido na vagueza e profundidade das minhas meditações, absorto em um problema excessivamente fascinante e sutil, que me tirava o sono e que, ao mesmo tempo, me enchia de sofrimento e prazer. Por que os Xipéhuzes temiam minhas flechas? Por que, além disso, dos muitos projéteis que disparei na caçada, nenhum surtiu efeito? O que eu sabia sobre a inteligência dos meus inimigos descartava a hipótese de um terror sem causa. Pelo contrário, tudo me obrigava a supor que a flecha, lançada sob certas condições, deveria ser uma arma formidável contra eles. Mas quais eram essas condições? Qual era o ponto fraco dos Xipéhuzes? E, de repente, me ocorreu que era a estrela que eu precisava atingir. Por um instante, tive certeza disso, uma certeza apaixonada e cega. Então, uma dúvida fria se insinuou. Eu não havia, diversas vezes, mirado e acertado meu alvo com a funda? Por que a flecha teria mais sorte do que a pedra?...

Mais era noite, o abismo imensurável, com suas maravilhosas lâmpadas espalhadas pela terra. E eu, com a cabeça entre as mãos, sonhei, com o coração mais escuro que a noite.

Um leão rugiu, chacais correram pela planície e, mais uma vez, a pequena luz da esperança brilhou sobre mim. Eu acabara de perceber que a pedra da funda era relativamente grande e a estrela de Xipéhuz tão minúscula! Talvez, para ser eficaz, fosse preciso ir fundo, perfurar com uma ponta afiada, e então o terror deles diante da flecha seria compreensível!

No entanto, Wéga girava lentamente no céu, o amanhecer se aproximava e o cansaço, por algumas horas, fez o mundo do espírito adormecer em meu crânio.

Nos dias que se seguiram, armado com meu arco, persegui incessantemente os Xipéhuzes, aventurando-me o mais longe possível em seu território, conforme minha sabedoria permitia. Mas todos eles evitaram meu ataque, mantendo-se à distância, fora do meu alcance. Emboscá-los estava fora de cogitação; sua forma de percepção permitia-lhes detectar minha presença mesmo através de obstáculos.

Ao final do quinto dia, ocorreu um evento que, por si só, provaria que os Xipéhuzes são falíveis e capazes de aprimoramento, assim como a humanidade. Naquela noite, ao entardecer, um Xipéhuz aproximou-se de mim deliberadamente com a velocidade crescente que eles costumam usar para o ataque. Surpreso, com o coração acelerado, saquei meu arco. Ele continuou o avanço, como uma coluna turquesa ao amanhecer, quase a me alcançar. Então, quando eu estava prestes a soltar minha flecha, vi-o, para meu espanto, virar-se e ocultar sua estrela, sem cessar a marcha em minha direção. Mal tive tempo de colocar Kouath em galope e escapar do alcance desse formidável adversário.

Ora, essa simples manobra, que nenhum Xipéhuz parecia ter imaginado antes, além de demonstrar, mais uma vez, a inventividade pessoal, a individualidade do inimigo, sugeria duas ideias: a primeira, que eu tivera sorte de raciocinar corretamente sobre a vulnerabilidade da estrela Xipéhuz; a segunda, menos animadora, era que a mesma tática, se adotada por todos, tornaria minha tarefa extraordinariamente árdua, talvez impossível.

No entanto, depois de tanto esforço para finalmente descobrir a verdade, senti minha coragem crescer diante do obstáculo e ousei esperar que minha mente possuísse a sutileza necessária para superá-lo[4].

4 Nos capítulos seguintes, em que o modo é geralmente narrativo, sigo de perto a tradução literal do Sr. Dessault, sem, contudo, me submeter à cansativa divisão em versos ou a repetições desnecessárias.

Capítulo VI: Segundo Período do Livro de Bakhoun

Retornei à minha solidão. Anakhre, o terceiro filho da minha esposa Tepai, era um poderoso ferreiro. Ordenei-lhe que esculpisse um arco de alcance extraordinário. Ele pegou um galho da árvore Waham, tão duro quanto ferro, e o arco que forjou com ele era quatro vezes mais poderoso do que o do pastor Zankann, o arqueiro mais forte das mil tribos. Nenhum homem vivo seria capaz de armá-lo. Mas eu havia arquitetado um truque, e Anakhre, após trabalhar conforme meu plano, descobriu que o imenso arco podia ser armado e desarmado por uma mulher frágil.

Ora, eu sempre fui especialista em arremessar dardos e flechas, e em poucos dias aprendi a dominar tão perfeitamente a arma construída por meu filho Anakhre que não errava nenhum alvo, fosse ele pequeno como uma mosca ou veloz como um falcão.

Feito tudo isso, retornei a Kzour, montado em Kouath de olhos flamejantes, e retomei minhas rondas pelo território dos inimigos da humanidade. Para inspirar confiança neles, disparei muitas flechas com meu arco habitual sempre que um de seus grupos se aproximava da fronteira, e minhas flechas ficavam bem aquém do alcance deles. Dessa forma, eles aprenderam o alcance preciso da arma e, assim, passaram a se sentir completamente seguros a distâncias fixas. Contudo, uma desconfiança persistia neles, o que os tornava inquietos e caprichosos enquanto não estivessem sob a proteção da floresta, e fazia com que escondessem suas estrelas da minha vista.

Com pura paciência, consegui dissipar a ansiedade deles, e na sexta manhã, um grupo se aproximou e se posicionou em frente a mim, sob uma grande castanheira, a três comprimentos de arco de distância. Mal chegaram, já disparei uma saraivada de flechas inúteis. Então, a vigilância deles diminuiu gradativamente, e seus movimentos se tornaram tão despreocupados quanto nos primeiros dias da minha estadia.

Aquele era o momento decisivo. Meu peito batia tão forte que, a princípio, me senti impotente. Esperei, pois o futuro formidável dependia de uma única flecha. Se ela falhasse, talvez os Xipéhuzes nunca mais se prestassem aos meus experimentos, e então como eu poderia saber se eles sequer eram vulneráveis a golpes humanos?

Contudo, minuto a minuto, o ser da vontade triunfou, silenciou o peito, tornou os membros flexíveis e fortes e a pupila imóvel. Então, lentamente, ergui o arco de Anakhre. Lá, à distância, um grande cone esmeralda permanecia imóvel na sombra da árvore; sua estrela brilhante se voltou para mim. O enorme arco foi tensionado; pelo espaço, a sibilar, a flecha veloz voou... e o Xipéhuz, atingido, caiu, condensou-se e petrificou-se.

Um grito retumbante de triunfo irrompeu do meu peito. Com os braços estendidos em êxtase, agradeci ao Único.

Portanto, eles eram vulneráveis às armas humanas, aqueles terríveis Xipéhuzes! Então, era possível ter esperança de destruí-los!

Agora, sem medo, deixo o peito rugir e bater a música da alegria, eu que tanto desesperara do futuro da minha raça, eu que, sob o curso das constelações, sob o azul cristalino do abismo, calculara sombriamente que em dois séculos o vasto mundo sentiria todas as suas fronteiras se romperem diante da invasão Xipéhuz. E, no entanto, quando ela retornou, a soberba, a amada, a pensativa, a Noite, uma sombra caiu sobre minha felicidade, a tristeza de que o homem e os Xipéhuzes não podiam coexistir, de que a vida de um tinha de ser a condição feroz da aniquilação do outro.

XIPÉHUZ — LIVRO DOIS

Capítulo VII: Terceiro Período do Livro de Bakhoun

Subcapítulo I: O Chamado dos Povos

Os sacerdotes, anciãos e chefes ouviram maravilhados meu relato; mensageiros levaram a boa nova até os lugares mais remotos do deserto. O Grande Conselho ordenou que os guerreiros se reunissem na sexta lua do ano 22.649, na planície de Mehour-Asar, e os profetas pregaram a guerra santa. Mais de 100.000 guerreiros Zahelal afluíram para lá; um grande número de combatentes de raças estrangeiras — Dzoums, Sahrs, Khaldes —, atraídos pela promessa de renome, vieram se oferecer à grande nação.

Kzour estava cercado por um número de arqueiros dez vezes maior, mas todas as flechas falharam diante da tática Xipéhuz, e muitos guerreiros incautos pereceram.

Assim, durante várias semanas, um grande terror prevaleceu entre os homens...

No terceiro dia da oitava lua, armado com uma faca de ponta fina, anunciei a inúmeros povos que iria sozinho lutar contra os Xipéhuzes, na esperança de destruir a desconfiança que começava a surgir contra a verdade da minha história.

Meus filhos Lum, Demjah e Anakhre se opuseram veementemente ao meu plano e quiseram tomar o meu lugar. E Lum disse:

— Você não pode ir, pois se você morrer, todos acreditarão que os Xipéhuzes são invulneráveis, e a raça humana perecerá.

Após Demjah, Anakhre e muitos outros líderes proferirem as mesmas palavras, considerei essas razões justas e retirei-me do processo.

Então, Lum, após se apoderar da minha faca de cabo de chifre, cruzou a fronteira mortal e os Xipéhuzes avançaram em sua direção. Um deles, muito mais rápido que os outros, estava prestes a alcançá-lo, mas Lum, mais astuto que o leopardo, desviou-se, virou o Xipéhuz de costas e, com um salto gigantesco, alcançou-o e desferiu uma estocada com a ponta afiada.

Os povos imóveis observaram o inimigo desmoronar, condensar-se e petrificar-se. Cem mil vozes se ergueram na manhã azul, e Lum já retornava, a cruzar a fronteira. Seu nome glorioso circulava por todos os exércitos.

Subcapítulo II: Primeira Batalha

Ano do mundo 22.649, sétimo dia da oitava lua.

Ao romper do dia, ressoaram as trombetas; pesados martelos percutiram os sinos de bronze para o grande combate. Cem búfalos negros e dois séculos de garanhões foram imolados pelos sacerdotes, enquanto meus cinquenta filhos elevavam comigo suas preces ao Único.

O astro solar acabou tragado pela aurora escarlate, os chefes galoparam à vanguarda das tropas e o clamor da investida propagou-se com o avanço impetuoso de cem mil combatentes.

A tribo Nazzum tomou a dianteira no embate contra o adversário, e a peleja mostrou-se feroz. Desprovidos de defesa no início, ceifados por investidas misteriosas, os guerreiros logo dominaram a tática de atingir os Xipéhuz e dizimá-los. Na sequência, todos os povos — Zahelals, Dzoums, Sahrs, Khaldes, Xisoastres, Pjarvanns —, cuja força estrondosa ecoava para lá dos oceanos, invadiram os campos e os bosques, a fim de cercar por completo os oponentes silenciosos.

Por longo tempo, o campo de batalha permaneceu em absoluto caos; emissários chegavam sem cessar com o aviso aos sacerdotes de que centenas de homens tombavam, mas que seus sacrifícios recebiam vingança imediata.

No auge da tragédia, meu filho Sourdar, veloz na corrida, a mando de Lum, trouxe-me a notícia de que, para cada Xipéhuz desfeito, doze dos nossos sucumbiam. Minha alma cobriu-se de trevas e o coração desfaleceu; meus lábios, então, proferiram:

— Cumpra-se a vontade do Pai!

Após recordar o cômputo dos guerreiros, que somava cento e quarenta mil, e ciente de que os Xipéhuzes não passavam de quatro mil, avaliei que mais de um terço daquela formidável hoste haveria de tombar, mas a terra restaria ao homem. Contudo, restava a hipótese de o contingente mostrar-se insuficiente:

— Trata-se, portanto, de uma vitória! — exclamei com amargura.

No entanto, enquanto tais reflexões me ocupavam a mente, o estrondo do combate abalou a floresta com violência ainda maior; por todos os lados, os combatentes ressurgiram e, em meio a brados de desespero, debandaram rumo ao limite da Salvação.

Foi quando avistei os Xipéhuzes na orla do caminho; já não se moviam isolados como na aurora, mas agrupavam-se em colunas de vinte, dispostos em círculo, com o foco luminoso voltado para o interior do agrupamento. Sob essa condição de invulnerabilidade, investiram contra as nossas tropas indefesas e promoveram uma carnificina pavorosa.

Consumou-se uma reviravolta vergonhosa. Os soldados mais destemidos pensavam unicamente na fuga. Apesar disso, a despeito da dor que me lacerava o peito, examinei com atenção o curso dos eventos fatais, na expectativa de extrair algum recurso no âmago daquela desgraça, pois não raro o veneno e o contraveneno coexistem.

Por essa obstinação em meu próprio juízo, o destino concedeu-me dois achados. Primeiro, constatei que, nos quadrantes onde as nossas hostes se aglomeravam e os Xipéhuzes eram escassos, o morticínio, a princípio desmedido, arrefecia à medida que as investidas do inimigo perdiam a eficácia. Grande parte dos atingidos recuperava-se após um breve torpor, e os de maior vigor suportavam o ataque por completo, de modo a prosseguir na retirada mesmo sob golpes reiterados. Esse idêntico processo, verificado em múltiplos pontos do terreno, levou-me a deduzir, convictamente, que os Xipéhuzes experimentavam fadiga, e que a sua capacidade de destruição esbarrava em um limite definido.

A segunda constatação, que corroborou perfeitamente a anterior, partiu de uma manobra dos Khaldes. Esse grupo, encurralado por todos os flancos e sem esperança em suas lâminas curtas, arrancou arbustos da terra e improvisou bastões, com os quais tentou romper o cerco. Para meu espanto, o estratagema surtiu efeito. Presenciei dezenas de Xipéhuzes perderem o equilíbrio sob o impacto dos golpes, o que permitiu a metade dos Khaldes a fuga pela abertura criada. O curioso, contudo, é que aqueles que recorreram a armas de bronze em vez de galhos (como sucedeu a certas lideranças) pereceram no ato de atacar o oponente. Convém assinalar também que o impacto das pauladas não acarretou danos severos aos Xipéhuzes; os que caíam logo se punham de pé e retomavam o encalço. Mesmo assim, considerei esse duplo achado de suma relevância para os embates vindouros.

A fuga, todavia, não cessou. O solo estremeceu com a retirada dos vencidos; antes do crepúsculo, restavam na linha dos Xipéhuzes apenas os nossos caídos e algumas centenas de soldados homiziados nas copas das árvores. O fim destes últimos revelou-se atroz: os Xipéhuzes atearam-lhes fogo vivos, ao direcionar mil labaredas contra a ramagem que os sustentava. Seus clamores de agonia ecoaram por horas sob o firmamento incomensurável.

Subcapítulo III: Bakhoun Eleito

Na manhã seguinte, as tribos realizaram a contagem dos sobreviventes. Apurou-se que o confronto ceifara cerca de nove mil homens, ao passo que um cálculo mais moderado estimou as baixas dos Xipéhuzes em seiscentas unidades. Desse modo, a extinção de um único oponente exigira o sacrifício de vinte vidas humanas.

A desolação abateu-se sobre o espírito de todos; muitos se insurgiram contra os comandantes e cogitaram a renúncia àquela pavorosa empresa. Diante do clamor geral, dirigi-me ao centro do acampamento e, em alto bom som, censurei a covardia que lhes dominava a alma. Interroguei-os se preferiam a ruína completa da nossa espécie ou o martírio de uma fração dela; comprovei-lhes que, em um decênio, a totalidade do território Zahelal sucumbiria ante as Formas e, em dois decênios, o mesmo destino aguardava as províncias dos Khaldes, dos Sahrs, dos Pjarvanns e dos Xisoastres.

Assim que restituí a lucidez aos combatentes, obriguei-os a admitir que uma sexta parte daquela região temível já fora retomada pela humanidade e que, por três flancos, o adversário recuara para o limite do bosque. Encerrei com a exposição das minhas conclusões para demonstrar que os Xipéhuzes não dispunham de vigor eterno e que bastões de madeira serviam para derribá-los, de forma a expor a sua zona vulnerável.

Um silêncio absoluto cobriu as planícies, e o alento regressou ao peito da multidão que escutava a minha voz. A fim de consolidar essa segurança, apresentei os artefatos de madeira concebidos por mim, projetados tanto para as investidas quanto para a proteção. O fervor restabeleceu-se, a multidão aclamou o meu discurso e as lideranças entregaram a condução da guerra em minhas mãos.

Subcapítulo IV: Metamorfoses das Armas

Ao longo dos dias subsequentes, ordenei a derrubada de uma vasta quantidade de árvores e disponibilizei o molde para biombos defensivos, leves e manejáveis, cujas especificações delineei da seguinte forma: uma armação externa com seis côvados de extensão por dois de largura, unida por travessas a um suporte interno de um côvado de largura e cinco de comprimento. Seis indivíduos (dois condutores, dois soldados providos de pesadas lanças de madeira desprovidas de gume e outros dois munidos de hastes também lenhosas, porém de extremidades metálicas bastante agudas, além de arcos e setas) acomodavam-se perfeitamente naquele espaço; deslocavam-se, assim, pelo bosque sob o amparo contra a investida imediata dos Xipéhuzes.

Assim que atingissem a distância de combate, os combatentes munidos de hastes cegas tinham a instrução de fustigar, desestabilizar e constranger o oponente à exposição; simultaneamente, os lanceiros apontavam para os pontos estelares, fosse com os chuços, fosse com os arcos, conforme demandasse a ocasião. Uma vez que a estatura regular dos Xipéhuzes excedia por pouco um côvado e meio, regulei os aparatos de modo que a armação externa, na progressão, não ultrapassasse a marca de um côvado e um quarto em relação ao nível do solo. Tal resultado adveio unicamente da leve inclinação das escoras que ligavam a peça externa à estrutura interna de transporte manual.

Ademais, visto que os Xipéhuzes se mostravam inaptos a transpor barreiras verticais e incapazes de se mover senão em postura ereta, o anteparo assim concebido bastava para resguardar as tropas de agressões diretas. Sem dúvida, os inimigos intentariam a queima dessas novas ferramentas de guerra, intento no qual obteriam êxito por diversas vezes; todavia, como o poder de suas chamas se mostrava inócuo além do alcance de um tiro de flecha, viam-se na obrigação de se expor para dar início à combustão. Esse ato, por demandar certo tempo, também facultava aos nossos homens frustrá-lo na maior parte das vezes, mediante evoluções céleres no terreno.

Subcapítulo V: A Segunda Batalha

No ano 22.649 da cronologia mundial, ao décimo primeiro dia da oitava lua, travou-se o segundo combate frente aos Xipéhuzes, ocasião em que as lideranças me outorgaram a liderança suprema. Diante disso, fragmentei o contingente em três frentes distintas. Pouco antes do raiar do dia, desloquei quarenta mil combatentes rumo a Kzour, todos providos conforme o método dos anteparos móveis. Essa arremetida mostrou-se bem menos tumultuada que a do sétimo dia. As tribos penetraram na mata de forma paulatina, dispostas em pequenos agrupamentos ordenados, e as hostilidades tiveram início.

Durante a hora primeira, os homens detiveram ampla superioridade, uma vez que os Xipéhuzes demonstravam total perplexidade diante dos novos estratagemas; mais de uma centena de integrantes das Formas sucumbiu, sob o custo de apenas doze guerreiros mortos, perda que mal compensou a extinção daqueles seres. Todavia, superado o impacto inicial, os Xipéhuzes passaram a empenhar esforços para incendiar os biombos protetores. Em múltiplos momentos, obtiveram sucesso. Uma movimentação ainda mais temerária foi por eles executada por volta da quarta hora diurna: valendo-se da rapidez que possuíam, núcleos compactos de Xipéhuzes investiram contra as paliçadas e lograram tombá-las. Uma quantidade expressiva de soldados perdeu a vida por essa razão, de modo que, com a retomada da vantagem pelo oponente, uma parcela das nossas forças cedeu ao desalento.

Pela quinta hora, as estirpes Zahelales de Khemar, Djoh e frações dos Xisoastres e Sahrs deram início à retirada. Com o intuito de obstar um desastre completo, despachei emissários resguardados por barreiras robustas para comunicar a chegada de contingente de reserva. Paralelamente, ordenei a prontidão da segunda frente para a investida; contudo, transmiti de antemão novas diretrizes: os anteparos deveriam manter-se agrupados com a máxima proximidade que a espessura do bosque permitisse e constituir quadros cerrados sempre que uma massa ponderável de Xipéhuzes se avizinhasse, sem que se interrompesse a ação ofensiva.

Feito isso, emiti o sinal de ataque; em curto espaço de tempo, tive a satisfação de atestar que o triunfo pendia para as nações aliadas. Por fim, por volta do meio-dia, uma apuração preliminar, que calculou as baixas das nossas forças em dois mil homens e as dos Xipéhuzes em trezentas, evidenciou com clareza o êxito alcançado e infundiu em todos a certeza do êxito definitivo.

Contudo, os índices alteraram-se de forma sutil em nosso benefício por volta da décima quarta hora, momento em que os Povos registravam a perda de quatro mil indivíduos e os Xipéhuzes, de quinhentos. Foi o instante em que desfechei a terceira ala: o confronto alcançou o ápice de sua ferocidade, e o vigor dos soldados crescia a cada fração de tempo, até que o astro solar se dispôs a declinar no horizonte ocidental. Próximo a esse momento, os Xipéhuzes reiniciaram os ataques ao norte de Kzour; um recuo por parte dos Dzoums e dos Pjarvanns trouxe-me apreensão. Sob o julgamento, ademais, de que o período noturno traria mais vantagens ao inimigo do que a nós, ordenei o toque de recolhida para encerrar a refrega. As hostes regressaram de forma serena e vitoriosa; a maior parte da noite transcorreu em celebrações pelos nossos êxitos.

Os resultados mostraram-se expressivos: oitocentos Xipéhuzes foram dizimados, e o raio de ocupação destes restou limitado a dois terços de Kzour. É certo que abandonamos sete mil dos nossos nos limites da floresta; no entanto, tais perdas revelaram-se muito menores, em termos proporcionais ao saldo obtido, do que as registradas na primeira peleja. Desse modo, tomado de otimismo, atrevi-me a formular o plano para uma investida final e fulminante contra os dois mil e seiscentos Xipéhuzes remanescentes.

Subcapítulo VI: O Extermínio

Ano do mundo 22.649, décimo quinto dia da oitava lua.

No momento em que o astro escarlate despontou sobre as colinas do oriente, o povo perfilou-se em ordem de combate diante de Kzour.

Com o espírito pleno de esperança, encerrei as últimas instruções aos comandantes; as trombetas ecoaram, os pesados malhos percutiram o bronze e o primeiro corpo de exército avançou floresta adentro.

Desta vez, contudo, os anteparos mostravam-se mais resistentes, dotados de dimensões ligeiramente ampliadas, de sorte que abrigavam doze indivíduos em vez de seis — à exceção de uma terça parte das peças, confeccionada segundo o molde antigo.

Em razão disso, tais aparatos tornaram-se bem mais difíceis de incendiar ou de sofrerem tombamento.

Os instantes iniciais do confronto revelaram-se propícios; decorrida a terceira hora, quatrocentos Xipéhuzes haviam sido extintos, face à perda de apenas dois mil dos nossos. Animado por esse relato favorável, ordenei a investida da segunda ala. A refrega de parte a parte assumiu contornos atrozes: nossos soldados revelavam familiaridade com o triunfo, enquanto os oponentes exibiam a obstinação própria de um império soberano. Entre a quarta e a oitava hora, imolamos nada menos que dez mil vidas humanas; todavia, os Xipéhuzes pagaram o tributo de um milhar das suas, de modo que restaram apenas mil deles no recesso de Kzour.

A partir desse momento, compreendi que a terra passaria ao domínio do Homem; os últimos temores que me assaltavam sumiram por completo.

Contudo, à nona hora, uma densa névoa obscureceu o nosso triunfo. Naquele instante, os Xipéhuzes passaram a se exibir unicamente em massas colossais nas clareiras, privando os guerreiros de mirar os pontos estelares, o que tornou quase impossível a sua derrubada. Arrebatados pelo ardor da peleja, muitos dos nossos homens arremeteram contra tais aglomerações. Foi quando, mediante uma conversão célere, um forte núcleo de Xipéhuzes se destacou, envolveu e trucidou os soldados mais audazes.

Um milhar de combatentes pereceu por essa via, sem que o inimigo sofresse baixas de relevo. Diante desse quadro, alguns Pjarvanns clamaram que a ruína era certa; instalou-se o pânico, o qual arrastou mais de dez mil homens à fuga, muitos dos quais cometeram a imprudência de largar as paliçadas para acelerar o passo. Tal ato custou-lhes caro: uma centena de Xipéhuzes, destacados no encalço, dizimou mais de dois mil Pjarvanns e Zahelals, e o assombro propagou-se pelas nossas linhas.

Assim que os emissários me trouxeram essa grave notícia, entendi que o dia estaria irremediavelmente perdido caso eu não lograsse, por meio de um estratagema rápido, reverter as posições desfeitas. Sem demora, transmiti a ordem de ataque aos chefes do terceiro exército e comuniquei que eu mesmo assumiria a liderança da coluna. Em seguida, desloquei a reserva com rapidez rumo ao flanco de onde provinham os fugitivos.

Não tardou para que topássemos de frente com os Xipéhuzes perseguidores. Envolvidos pelo furor do morticínio, eles não se reagruparam com a presteza necessária e, em poucos instantes, consegui encurralá-los: raros escaparam, e o clamor retumbante do nosso triunfo devolveu o vigor ao peito dos soldados.

A partir de então, não encontrei embaraço para reorganizar a ofensiva; nossa manobra consistia unicamente em isolar frações dos blocos inimigos, cercá-las e reduzi-las a nada.

Em breve, ao perceberem o quão prejudicial aquela dinâmica lhes resultava, os Xipéhuzes retornaram aos combates em pequenos grupos contra nós, e a carnificina entre duas ordens de seres — das quais uma só subsistiria mediante o aniquilamento da outra — recrudesceu de forma pavorosa. Contudo, qualquer hesitação acerca do desfecho final dissipou-se mesmo dentre os espíritos mais temerosos. À décima quarta hora, restavam meros quinhentos Xipéhuzes face a mais de cem mil homens, e esse reduzido contingente adverso via-se cada vez mais acuado em limites estreitos, correspondentes a cerca de um sexto da mata de Kzour, fato que simplificou sobremodo as nossas evoluções.

No entanto, o crepúsculo dissolveu-se em clarões avermelhados por entre a ramagem e, por temer as ciladas que as sombras propiciam, ordenei a suspensão dos combates.

A magnitude da vitória elevou a alma de toda a multidão; as lideranças cogitaram outorgar-me a soberania sobre todos os povos. Instilei-lhes o conselho de jamais confiar o destino de tantos indivíduos a uma criatura frágil e sujeita ao erro, mas que rendessem graças ao Único e elegessem a Sabedoria como guia terreno.

Capítulo VIII: Último Período do Livro de Bakhoun

A Terra passou à posse da humanidade. Dois dias de combate extinguiram os Xipéhuzes; a totalidade do espaço sob o domínio dos duzentos derradeiros restou devastada: cada árvore, cada arbusto e cada folha de relva sofreram o corte. Sob o auxílio de Lum, Azah e Simhô, meus filhos, dei por encerrada a tarefa de gravar a história daqueles seres em blocos de granito, para a instrução das eras vindouras.

E eis-me aqui, solitário, nos confins de Kzour, sob a noite lívida. Um tênue arco lunar com reflexos de cobre eleva-se no poente. Os leões clamam em direção aos astros. O curso d'água ondula de forma paulatina por entre os salgueiros; seu murmúrio perene relata a transição das eras, a saudade das coisas efêmeras. Nesse instante, ocultei o rosto entre as mãos e um pranto brotou do meu peito. Pois, agora que os Xipéhuzes feneceram, minha alma chora a sua ausência, e indago ao Único qual desígnio do Destino exigiu que a magnitude da Vida restasse manchada pela sombra do Extermínio!

Fim